

20.09.2010

Fernando Ferrari Filho

Caro Bresser, antes de tudo, me permita, assim como você fez ao resgatar um pouco o passado, lhe lembrar que meu primeiro contato com você foi em 1987, uns dois meses após você deixar o MF, em uma palestra no CORECON-RS. Na ocasião, um grupo de economistas, dentre os quais eu, jantou com você no Copacabana, onde discutiram-se as perspectivas para a economia brasileira ao final dos anos 1980. Me lembro, inclusive, que, além de suas considerações, você elogiou a vitela do referido restaurante (em Porto Alegre, o Cardim não abre mão do Barranco e do cordeiro mamão). Por que lhe resgato tal fato? Para lhe dizer que, desde então, com maior ou menor intensidade, estamos mantendo contatos (agora em um espaço mais amplo de interlocutores - Luiz, Oreiro, Cardim, Gala ...) para pensar e articular proposições de política macroeconômica e projetos para o País. De minha parte (e acho que os demais pensam o mesmo), sempre o considere um economista e amigo importante para atingirmos tais objetivos. Luiz e eu, por exemplo, somos testemunhas da força que você sempre nos deu (aos keynesianos, em geral), bem como de seu entusiasmo pela criação da AKB.

Feitas tais considerações, mais uma vez, sua iniciativa é bastante interessante e oportuna, até porque, na aparência, pouco provável que tenhamos uma mudança de rumo na política macroeconômica pós-eleição (seja qual for o resultado). Desde já, incorporo-me ao grupo que você propõe para discutir a política macroeconômica e um projeto para o País e me ponho a disposição para a discussão. Porém, assim como o Cardim não poderá participar do encontro nas datas propostas, também me vejo impossibilitado (não por nascimento de meu neto, viu vovô Cardim!), pois tenho aulas agendadas, há muito tempo, em nosso MBA.

Se houver possibilidade de mudança de data, tento adequar-me à sugestão. Abraço, Ferrari Filho.

20.09.2010

Fernando Cardim Carvalho

Caro Bresser,

Há uma total identificação entre o que você diz no email (e que nós, é claro, já sabíamos) e o que temos buscado também, especialmente nestes últimos anos. Eu acho que até mesmo a virulência de vários dos nossos críticos é uma indicação disto (apesar de despertar instintos mais agressivos no Zé Luiz). É importante discutir o futuro próximo e, depois, levar mesmo ao restante da comunidade keynesiana (eu também sempre achei, e insisti, que deveria ser keynesiana e não apenas pós-keynesiana; eu gostaria mesmo de que compartilhassem as discussões conosco os keynesianos mais convencionais, pelo menos naquilo em que pudéssemos encontrar pontos de convergência, especialmente na política econômica).

Infelizmente, eu não vou estar aqui no final de novembro. Não sei se cheguei a lhe dizer, mas Fernanda e eu vamos ser avós no final de novembro, mas meu filho vive em Portugal e por isso estamos indo para lá em 20/11 para esperar a Carolina, e ficar até meados de fevereiro dando uma ajuda aos pais calouros. Mas, depois que voltarmos, eu me juntaria a vocês, além de dar alguns palpites por email mesmo.

Um grande abraço a todos, Fernando Cardim

---

Caros Luiz Fernando e Fernando

Desculpem-me por só agora me manifestar sobre o excelente paper que escreveram "The spread of Keynesianism in Brazil..." Fiz uma pequena sugestão de mudança com marcas de revisão dando também crédito ao Departamento de Economia da EAESP FGV/SP, que foi um departamento keynesiano desde que o criei, em 1970, e contou, entre outros, com um importante economista keynesiano, Luiz Antonio de Oliveira Lima. Aproveito, entretanto, a oportunidade para lhes falar um pouco do passado, e, principalmente, de pensar no futuro, porque creio que vocês dois mais o Fernando Cardim e o José Luís - os meus quatro mosqueteiros - podem desempenhar um papel importante na política econômica e na história do pensamento econômico no Brasil.

Sou um keynesiano e pós keynesiano antigo. Fiz hoje uma conta e descobri que já publiquei nove artigos no *Journal of Post Keynesian Economics*, além de dois artigos publicados em livros editados pelo Paul Davidson. Desde que eu voltei do governo, em 1999, e, primeiro, descobri o Luís Fernando, ainda em Oxford (não sei se se lembra, mas, em janeiro de 2001, lá em Oxford, convidei-o para escrever um paper fazendo a crítica do crescimento com poupança externa a partir da sobreapreciação da taxa de câmbio que os déficits em conta corrente causam?), eu percebi que poderíamos trabalhar juntos para reconstruir o pensamento heterodoxo e keynesiano no Brasil, que tinha sido seriamente abalado pelo populismo desbragado que dominou o país imediatamente após a transição democrática, em 1985 e 1986, e que levou ao desastre econômico e político que foi o Plano Cruzado. Nosso primeiro encontro mais geral foi em Kansas City, creio que em 2002.

Depois, desde que morreu meu mestre Celso Furtado, que foi o pai do keynesianismo e do estruturalismo no Brasil, eu me dei conta que agora eu sou o mais velho keynesiano brasileiro (bem mais velho do que vocês), e tinha responsabilidades em relação a isto. Um keynesiano estruturalista que tinha, agora, como meta, constituir um grupo que desenvolvesse uma macroeconomia do desenvolvimento (então não havia ainda pensado em colocar no meio a palavra "estruturalista"). E que para isto era preciso não ser ortodoxo pós keynesiano, mas apenas keynesiano, e profundamente voltado para a realidade econômica do Brasil - de um país de renda média que, fragilizado pela crise do Cruzado e pela alta inflação, dobrou-se em 1990 à ortodoxia convencional. O novo desenvolvimentismo foi nossa bandeira inicial. O livro que vocês organizaram sobre o tema foi importante. A criação da Associação Keynesiana Brasileira, outro. Eu sempre lhes dizia que era preciso ser keynesiano, não fechar em pós keynesiano. Mais recentemente, depois que sintetizei nossas ideias em *Globalização e Competição*, percebi que estávamos, afinal, construindo um corpo teórico novo - uma macroeconomia estruturalista do desenvolvimento. Descobri isto quando, atendendo a um pedido do Osvaldo Sunkel para escrever para a *Revista de la Cepal* um artigo sobre o novo desenvolvimentismo, percebi que podíamos considerar as novas ideias um segundo momento, o momento macroeconômico, do estruturalismo cepalino (e, mais amplamente, do development macroeconomics), que estavam parados desde o início dos anos 1970. Com ajuda do Paulo Gala, escrevi o artigo "Novo desenvolvimentismo e macroeconomia estruturalista do desenvolvimento" que sai na próxima *Revista de la Cepal* em espanhol e inglês (n.102) e na REP, no número de outubro (segue a nexa).

Eu creio que a nossa Associação Keynesiana pode ser um grande fórum para o desenvolvimento dessas ideias. Que devem constituir uma nova macroeconomia, keynesiana, sem dúvida, mas estruturalista, não apenas porque tem um conceito estruturalista do desenvolvimento (como tinha a Cepal), mas porque está baseada em

duas tendências estruturais que deprimem a demanda e diminuem as oportunidades de investimento lucrativo para os empresários: a tendência dos salários crescerem menos que a produtividade e a tendência à sobreapreciação cíclica da taxa de câmbio. As Ten Theses on New Developmentalism (que deverei lhes enviar com cerca de 78 Original Subscribers indicados pelos participantes, e para as quais já estou preparando um website, nos próximos dias) dão a essas ideias uma dimensão internacional. Nós não somos mais simplesmente pós keynesianos brasileiros; estamos desenvolvendo uma macroeconomia realmente aplicada a países de renda média, que já realizaram sua revolução capitalista, como é o caso do Brasil.

Como também me refiro ao Fernando Cardim e ao José Luís, envio cópia deste e-mail também para eles. Já convidei o José Luís para passar o primeiro semestre do próximo ano na GV, no Centro de Macroeconomia de Desenvolvimento, que eu, Paulo e Nelson, constituímos recentemente.

Como já perceberam, é um email reafirmando compromissos, e estabelecendo desafios para nós mesmos. Estarei fora do Brasil em outubro, mas em novembro gostaria de convidá-los para passarmos um fim de semana em meu sítio em Ibiúna, onde pudéssemos discutir essas questões. Vocês quatro, mais o Paulo Gala e o Nelson Marconi. A casa é bem grande e cabem todos nós e mais um ou dois que, eventualmente, consideremos necessários. Vocês apenas precisariam obter as passagens. Transporte de minha casa em SP (que fica no caminho, em Cidade Jardim) para Ibiúna e, naturalmente, a hospedagem ficam por minha conta. Se aceitarem o convite, vocês poderiam chegar na sexta-feira de forma que pudéssemos viajar para Ibiúna (a uma hora de minha casa) antes do jantar. Dedicaríamos o sábado inteiro a debater questões da macroeconomia estruturalista do desenvolvimento e ao novo desenvolvimentismo. E poderíamos voltar para São Paulo no domingo logo depois do almoço às 13 horas. Sugiro o fim de semana de 26-27-28 de novembro para fazermos este pequeno seminário informal mas, quem sabe, fundador. Uma alternativa seria o fim de semana seguinte. Aguardo confirmação.

Um abraço cordial, Luiz Carlos